

Entramos no sétimo ano do Real certos de que a estabilização já tem um novo rumo: o crescimento. Crescimento que é tema de conversa, de dúvidas e de cobranças. A cobrança eu também faço. Faço aos ministros e auxiliares da equipe econômica e faço a mim próprio. Mas você talvez já tenha percebido que o crescimento começa a mostrar o seu sinal mais imediato, a oferta de empregos.

O setor de construção civil, um dos principais termômetros da economia, está em plena atividade; o setor de serviços cresce a cada dia e a indústria voltou a contratar. De maio de 99, a maio deste ano, mais de 800 mil novos empregos foram criados só nas seis principais regiões metropolitanas, acompanhadas pelo IBGE: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

É importante que a gente saiba que só a estabilidade econômica nos conduzirá ao crescimento permanente, sem retrocesso. As tentativas de projetos de desenvolvimento com inflação sempre levaram o País a grandes instabilidades e ao desemprego.

Quem viveu as décadas da inflação, nunca esquecerá o que era o trabalhador receber o salário no fim do mês sem saber quanto poderia comprar para abastecer a família. A dona de casa, que fazia malabarismos para comprar tudo antes das remarcações, ainda se lembra como aquilo era uma agonia permanente.

A superação desses problemas exigiu muitos sacrifícios. E desde que me foi dada a missão de ficar à frente do processo de consolida-

ção de um regime econômico estável, sempre alertei que o trabalho seria lento e talvez penoso.

E, no ano passado, quando o nosso país se viu ameaçado de não levar à frente este programa, não vacilei diante da necessidade de alterar a política cambial, mesmo sabendo que arcaria com o ônus da responsabilidade – 99 foi um ano de grandes privações para todos os brasileiros, mas, aos poucos, até os mais céticos estão recuperando a crença na capacidade que o nosso país tem para vencer as dificuldades.

Já começamos a investir mais em educação, saúde, segurança pública e reforma agrária, setores que empregam muita mão-de-obra. E estamos investindo com mais cuidados. O Ministério da Educação manda recursos diretamente para as escolas. Isso evita fraudes e desvios. E você que acompanhou nosso programa semana passada, sabe que em cinco anos o número de matrículas nas universidades federais subiu 22%.

Também na semana passada, os jornais anunciaram em manchete que o Brasil subiu cinco pontos na lista dos países em desenvolvimento, por causa dos investimentos feitos em educação. Esse reconhecimento do Índice de Desenvolvimento Humano, calculado pelas Nações Unidas, é um estímulo para trabalharmos ainda mais em favor da educação e das demais políticas sociais.

Posso assegurar agora que temos mais recursos para acelerar a reforma agrária e, graças à economia estabilizada, estamos facilitando ainda mais os empréstimos do Banco da Terra. Podemos investir mais em segurança e ajudar os Governadores a reduzir os índices de violência que assustam a população.

Este ano, a Caixa Econômica Federal emprestou 2 bilhões e 600 milhões de reais para a compra de 150 mil novas moradias. A Caixa também desenvolve os programas de arrendamento residencial e de descontos para quitação da casa própria. O nosso programa Brasil Empreendedor já liberou mais de 6 bilhões de reais para a micro, a pequena e a média empresa. Como você sabe, essas empresas são as que mais geram empregos no País.

Tenho sido muito cauteloso em comemorar os feitos do plano de estabilidade, o nosso Real. Mas não posso deixar de louvar e agradecer a cada cidadã ou a cada cidadão brasileiro que tem trabalhado pelo Real. E tem tido paciência para esperar os resultados desta política econômica. É com muita fé na obstinação do povo brasileiro para enfrentar problemas que eu dou a minha palavra neste sexto aniversário do Real: nosso crescimento econômico vai se acelerando pouco a pouco, mas de forma definitiva.